

Hildegarda de Bingen: “Luz Iluminada pela Inspiração Divina”

Mirtes Emilia PINHEIRO¹

RESUMO: Num universo marcadamente masculino um nome se sobressai no Medievo do século XII: o da monja /abadessa/visionária Hildegarda de Bingen, uma personalidade impar que nasceu em 1098, na localidade de Bermersheim, próxima a Mainz e faleceu em 17 de setembro de 1179. Era comum nessa época que os pais enviassem seus filhos para estudarem nos mosteiros que havia na região. Hildegarda foi enviada para o convento com sete ou oito anos de idade, aprendendo os rudimentos de latim através da leitura e do canto dos Salmos. Embora tenha tido visões desde os oito anos de idade, Hildegarda somente as manifestou publicamente depois dos 40 anos. Além das visões místicas, ela foi responsável por dois tratados muito realistas: *Physica* que era uma classificação de diversos elementos naturais do mundo tais como: plantas, animais, pássaros, peixes, incluindo pedras preciosas e metais. No outro tratado, conhecido como *Causa et Curae*, trata de assuntos fisiológicos, misturando de forma fascinante a ciência tal como se conhecia até aquela época, à aplicações simbólicas e um sentido comum baseados na observação dos fatos. Hildegarda ainda compôs várias canções litúrgicas.

Palavras-chave: Idade Média, Hildegarda de Bingen, misticismo.

ABSTRACT: In a markedly male universe a name stands out in the Middle Ages of the twelfth century: Hildegard of Bingen visionary / Abbess / nun's. A singular personality who was born in 1098 in the town of Bermersheim, near Mainz and died on September 17, 1179. At that time it was common for parents to send their children to study in the monasteries that were in the area. Hildegard was sent to the convent when she was seven or eight years old, where she learnt the rudiments of Latin through reading and singing of Psalms. Although she had had visions since the age of eight, Hildegard only expressed them publicly after she was 40. Besides the mystical visions, she was responsible for two very realistic treaty: *Physica*, which was a classification of many elements of the natural world such as plants, animals, birds, fish, including precious stones and metals; And the other treaty, known as *Cause et curiae*, was about physiological issues, mixing the fascinating science, as it was known until that time, to the symbolic applications and a common sense based on observing the facts. Hildegard also composed several liturgical songs.

Keywords: Middle Ages, Hildegard of Bingen, Mysticism.

A monja/abadessa Hildegarda, uma personalidade excepcional que posteriormente foi conhecida como sendo da cidade de Bingen, nasceu em 1098, na localidade de Bermersheim, próxima Mogúncia, e faleceu em 17 de setembro de 1179. A mais nova dos dez filhos de uma família da nobreza germânica foi enviada para o

¹ Doutoranda em Estudos Clássicos e Medievais pela Faculdade de Letras da UFMG sob a orientação de Viviane Cunha, Doutora em Literatura Medieval Comparada - Université de Potiers, Professora Associada de Filologia Românica na Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.

convento com sete ou oito anos de idade, ficando sob os cuidados de Jutta de Spanheim, que lhe ensinou os rudimentos de latim através da leitura e do canto dos Salmos.

Nesta época, as famílias mais abastadas mandavam seus filhos para um convento/abadia/mosteiro em tenra idade, não só com o intuito de as mesmas virem a seguir carreira religiosa, mas visando uma educação primorosa, uma vez que estes locais estavam entre os mais importantes centros de cultura da Europa e podiam promover uma educação esmerada para os filhos da nobreza. A educação formal de Hildegarda foi inteiramente desenvolvida no mosteiro de Desibodenberg, onde foi noviça e em seguida, monja e abadessa.

A reputação da santidade de Jutta e de sua aluna Hildegarda estendeu-se pela região e outros pais também levaram suas filhas para lá, convertendo o lugar em um pequeno convento beneditino, agregado ao monastério de Desibodenberg. Ao atingir a maioridade, aos 15 anos, Hildegarda se tornou monja e quando do falecimento daquela que foi sua tutora, Jutta, em 1136, ela tornou-se responsável pela parte feminina do mosteiro de Desibodenberg, aos 38 anos de idade. Por volta de 1150, ela mudou-se para Bingen, 30 km ao norte, às margens do rio Reno, e mais tarde fundou outro convento em Eibingen, na outra margem do rio.

Desde os seis anos de idade, Hildegarda apresentou tendências ao misticismo, começando a ter visões que a seguiram pelo resto de sua vida. Inicialmente ela as comunicou a Jutta e em seguida ao monge Volmar de Desibodenberg, seu primeiro preceptor, que posteriormente tornou-se seu secretário, assistente e amigo fiel por mais de 30 anos, assistindo-a nas transcrições de suas visões. Como as visões continuaram, “o monge Godfrey, seu confessor, revelou ao seu abade, que por sua vez, comunicou ao arcebispo de Mainz, que examinaram suas visões juntamente com os teólogos, determinaram que elas eram de inspiração divina, e ordenaram-lhe que começasse a escrevê-las”. (<http://www.hildegardiana.es/index.html> em 08/08/2011 - nossa tradução)

Embora tenha tido visões desde muito cedo, Hildegarda somente as manifestou publicamente depois dos 40 anos, afirmando que não eram de origem humana, mas sim divina, como a voz celeste que lhe disse desde o princípio: “diga e escreva baseando-se não na linguagem do homem, não na inteligência de invenção humana, não sobre a vontade humana de organização, mas te baseando no fato de que vês e ouves isto lá do alto, do céu, das maravilhas de Deus”. (SCHMITT, 2007, p. 329/30) Nos desenhos em que aparece recebendo as visões, ela está sempre acordada, servindo como intermediadora, promovendo a união entre Céu e Terra.

Em relação às suas visões ela declarava que "o que escuto, não é por meus ouvidos corporais; o que percebo, não é nem pelos pensamentos de meu coração nem por nenhum de meus cinco sentidos, mas unicamente em minha alma, de olhos abertos: assim, não desfaleci por um êxtase". (DELUMEAU, 2003, p. 86) É inegável que a colocação das visões e a sua transcrição em imagens nos manuscritos lindamente ilustrados trouxeram um novo enriquecimento à literatura e à iconografia paradisíacas.

Os textos sobre estas visões nos levam a crer que o fato de não tê-los revelado antes foi por receio de ser mal interpretada, pois a experiência do místico consiste em experimentar Deus em sua plenitude, permitindo a alma se unir a ele tendo como base o texto bíblico, pois é ele quem fornece um ponto de partida para uma meditação, que passo a passo conduz à contemplação. Hildegarda, a monja mística, descreve essa passagem da reflexão à iluminação, a partir de sua experiência pessoal. Para ela:

A palavra divina começa por agir sobre o espírito como uma chama, cortando os laços que o unem à carne e ao pecado. Uma vez purificada a memória, a alma pode apoiar-se nas palavras e nas imagens do texto para tentar elevar-se até ao seu criador. No termo de uma série de

etapas ascensionais, ela franqueia, como ao subir uma escada, a distância infinita que a separa Dele. As confissões de indignidade cedem progressivamente lugar aos impulsos de ternura. Finalmente, no silêncio, a Palavra toma posse da alma e faz-se carne: o homem dá nascimento a Deus. Tal como disse São Bernardo; “*Locutio Verbi, infusio doni*”. É o próprio verbo que fala aos homens e se dá a cada um. Desses instantes de elevação, o espírito sai exaltado e deslumbrado. Graças à Escritura, o homem pode libertar-se dos seus próprios limites, já que nela o visível e o invisível se reúnem. (VAUCHEZ, 1995, p. 194)

Hildegarda não só tinha visões místicas, mas também foi responsável por dois tratados muito realistas. A *Physica* era uma classificação de diversos elementos naturais do mundo, tais como plantas, animais, pássaros e peixes. Incluía ainda pedras preciosas e metais. No outro tratado, conhecido como *Causa et Curae*, ela trata de assuntos fisiológicos, misturando de forma fascinante a ciência tal como se conhecia até aquela época, à aplicações simbólicas e um sentido comum baseados na observação dos fatos. Também compôs canções litúrgicas.

Os seus escritos chamaram a atenção de várias personalidades, entre elas o Papa Eugénio (1145-1153) e Bernardo de Claraval (futuro São Bernardo), que mesmo sendo um tanto contrário à participação e emancipação das mulheres, aceitou a verdade de suas visões e reconheceu sua influência. Assim, logo depois da aprovação papal, tornou-se uma celebridade em toda a Europa.

Após tomar conhecimento dos seus dons, o papa escreveu a ela, estimulando-a a continuar com seus escritos, bem como a sua transferência e das demais monjas para Rupertsberg, uma localidade às margens do rio Reno, perto do pequeno porto de Bingen. Esta rápida aceitação eclesiástica de seu papel como profetisa contribuiu para fomentar seu prestígio entre os ‘grandes’ de seu mundo, tanto seculares quanto religiosos.

Numa de suas correspondências Hildegarda escreveu a Bernardo de Claraval e disse que não poderia falar se não fosse pelo Espírito Santo, pois ela se considerava “*Paupercula mulier et indocta*”. No entanto, ela reconhece: “no interior da minha alma, sou sábia”. Por isso, ciente de sua capacidade intelectual, uma parcela significativa do seu trabalho foi realizada na segunda metade de sua vida e cresceu mais ainda graças à extensa correspondência que ela manteve com Leonor de Aquitânia.

Leonor de Aquitânia, a condessa do Palatinato, e a muitos outros ainda, papas, imperadores, bispos; teólogos interrogam-na sobre pontos de doutrina, e a relação das suas *Visões* é uma empresa ambiciosa, visto que ela abraça a origem do mundo, a estrutura em que o homem toma lugar e um imaginário do além. (DUBY, 1990, p. 537)

Leonor de Aquitânia interrogava-lhe e questionava-lhe e, ao mesmo tempo, buscava seus sábios conselhos e orientações. Esta correspondência deixou um importante legado para a posteridade com temas variados, além de exercer uma grande influência sobre as lideranças de seu tempo.

Além de visionária, Hildegarda de Bingen teve várias outras ocupações e talentos. Foi uma das personalidades que mais se sobressaiu no século XII, considerada como uma pessoa desenvolvida e eletrizante. Sua abadia foi um centro de estudos permitindo-lhe desenvolver não só o misticismo visionário, que a acompanhava desde

pequena, mas suas muitas outras capacidades intelectuais e artísticas. Dentre suas inúmeras aptidões estava a de ser:

Compositora, poeta, naturalista, fundadora de conventos, teóloga, pregadora, milagreira e exorcista; revelou os segredos da criação e da redenção e o respeito mútuo entre todas as obras criadas. Apresentou guias de conduta para alcançar a vida eterna e se ocupou do funcionamento do corpo humano, suas enfermidades e os remédios para tratá-las. Seus livros teológicos têm o frescor do verdadeiro e imutável e seus livros médicos demonstram uma fonte de saúde. (<http://www.hildegardiana.es/index.html> em 08/08/2011 - tradução nossa)

Hildegarda pode ser vista como um elo entre dois mundos distintos e semelhantes ao mesmo tempo: pois de um lado é uma figura religiosa e culta, que sabe ler e escrever o idioma dominante da época, o latim; conhece as obras dos mestres da Antiguidade, guardadas e conservadas graças aos trabalhos dos monges copistas. Por outro lado, conhece aplicações práticas da teoria e utiliza a horta do mosteiro para a produção de remédios, que aparecem em seus tratados médicos.

Seu espírito astuto possibilitou a compreensão nítida do que ocorria em seu entorno e, graças a isto, pôde ampliar enormemente seus conhecimentos sobre quase todos os aspectos da vida humana. Sua perspicácia, interesse e espírito inquieto lhe permitiam analisar, pesquisar e depois usar o que aprendeu para ajudar aos que a rodeavam e que a ela recorriam em busca de auxílio para a cura de seus males físicos, mas, sobretudo, para os males do espírito. Por isso seu trabalho sob o ponto de vista médico é grandioso, respeitável e descrito com admiração por PERNOUD:

Pode-se dizer que, de fato, do ponto de vista médico, alimentar e ambiental, Hildegarda nos faz apreciar virtudes ignoradas ao nosso redor: animais, plantas, (ervas, madeiras), e pedras. Ela nos convida a renovar nossa visão. Porque aos seus olhos é o valor curativo, benéfico, que as plantas, as frutas, os animais, os peixes, etc. podem proporcionar ao homem que é o que mais interessa. Uma vez que cada elemento da natureza possui, assim, o seu valor, salutar ou prejudicial, é isto que os trabalhos da abadessa nos ensinam a discernir. (PERNOUD, 1996, p.86)

A classificação que a monja faz em relação aos elementos da natureza remonta a Aristóteles e é amplamente utilizada até hoje na medicina chinesa. Dentro do seu estudo sobre o reino mineral, vegetal e animal permanecem a indefinição da palavra *Viridez* que ela utiliza com certa frequência, para a qual ainda não se conseguiu achar uma tradução exata, sendo o conceito mais próximo que obtivemos dessa palavra o de “pujança de vida, plenitude de viço, que há nos seres vivos, em especial nos humanos” (PERNOUD, 1996, p. 87).

Na Idade Média, o saber medicinal era uma prerrogativa dos mosteiros. Eles eram os guardiões dos saberes, tanto dos autores da Antiguidade Clássica como os de Galeno, quanto o saber popular, a medicina empírica usada e aplicada pela população, uma vez que médicos era uma raridade. Deste modo, em suas pesquisas ou descobertas Hildegarda se “debruça com olhar inquiridor sobre a natureza, pesquisando o uso terapêutico de plantas, aprofundando a tradição beneditina de manter farmácias e de dar assistência aos enfermos, nos mosteiros” (GLAZE. *In*: NEWMAN, 1998: 125-148).

(apud: <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num2/hildegarda.html> em 02/09/2010.)

O interesse da abadessa pela cura de enfermidades reflete sua própria visão do homem no mundo, integrado com a natureza. Tanto é assim que os alimentos que ela recomenda proporcionam bem estar e equilíbrio. É o caso, por exemplo, da castanha, “fruto útil a toda fraqueza que há no homem. É aconselhável comê-la com frequência”, assim como a maçã, sobretudo quando se torna envelhecida. “Ela é boa tanto para os saudáveis como para os doentes”. Hildegarda é muito atenta a “(...) tudo o que alegra o coração do homem” (PERNOUD, 1996, p.89). Segundo ela, os alimentos devem apresentar um aspecto agradável na coloração, bem como o bom odor, que traz inúmeros benefícios para o corpo e a alma.

Algumas receitas ditadas por Hildegarda soam aos nossos ouvidos como poesias. É o caso da recomendação do uso do perfume das flores de lírios, que alegam o coração e suscitam pensamentos justos. A lavanda contribui para uma “sabedoria e um espírito puro”. A recomendação é beber a lavanda em decocção no vinho ou, se isso não for possível, em água com mel, pois tal bebida morna, “(...) acalma as dores do fígado e do pulmão”. Ela recomendava fazer decocção em vinho de boa qualidade, bem como cataplasmas, utilizando para estas aplicações plantas quentes envoltas num pano de linho, colocadas sobre a parte do corpo que necessitava de cuidados e até na cabeça, porque ela era atenta à fadiga do cérebro que acomete as pessoas.

Outra preocupação da monja diz respeito à melancolia, responsável pelo mal estar do indivíduo. De acordo com sua filosofia de vida, uma pessoa que se encontra triste, acabrunhada, oferece mais dificuldade em apresentar melhoras em seu estado precário de saúde. O contrário se dá com quem é feliz, pois este se encontra motivado para alcançar o mais rápido possível à cura de suas mazelas. PERNOUD reproduz uma linguagem poética utilizada pela monja, para descrever o efeito destas plantas:

É delicioso saber que se o luzendro torna o homem triste, a violeta, em compensação, ajuda-o a lutar contra a melancolia. Que a betônica estimula o espírito de conhecimento, e que a vista melhora quando se olha longamente um tufo de tomilho. Que o feto é cheio de virtudes benéficas que ajudam a lutar contra malefícios de toda espécie. Que a mirra afasta os fantasmas, e a garança cura os acessos de febre. (PERNOUD, 1996, p.92).

Hildegarda considerava que as mulheres tinham um papel positivo dentro da Igreja, porém sua função era mais contemplativa do que clerical. No entanto, num período em que a literatura não prestigia as mulheres, ela as defende, podendo ser considerada como uma das precursoras no resgate deste papel feminino na sociedade medieval. Assim, ela se esforçou para ...

Purificar a mulher de todas as suspeitas que sobre ela faziam pesar não só o papel essencial desempenhado por Eva no pecado original, como também a fraqueza intelectual e moral que lhe era atribuída por toda uma tradição literária com origem na Antiguidade, e que os autores medievais haviam subestimado. (VAUCHEZ, 1995, p. 167/8)

Entretanto, episódios como os de Hildegarda não podem servir de parâmetro, uma vez que no medievo estes casos são raros. De fato, ela é uma figura paradoxal e emblemática, visto que em uma época em que mulheres eram normalmente barradas nas instituições formais de ensino, ela tornara-se escritora, médica, compositora e teóloga,

tinha uma serena confiança em sua mensagem e em si mesma como uma mensageira divina. Refletia que era responsabilidade sua obedecer à ordem divina de instruir aos demais, apesar das proibições e das suspeitas que recaíam sobre uma mulher que adotasse tal papel. Ela explicita sua própria debilidade como mera porta-voz do divino, no famoso parágrafo de sua carta: “Mas eu me encontro prostrada pela fraqueza do medo, às vezes emitem um leve som de trombeta a partir da luz da vida, pela qual [que] Deus me ajude para que eu possa continuar no seu ministério”. (LABARGE, 1988, p. 173, nossa tradução).

Hildegarda não só contribuiu para as muitas facetas da cultura medieval, mas o fez em termos especificamente femininos, reconhecendo e apreciando o lugar de direito da mulher na sociedade. Ao contrário do que presumiam a maioria dos pensadores medievais, ela entendia que os papéis dos homens e das mulheres se complementavam e que ambos eram necessários para o perfeito funcionamento da sociedade.

Durante a Idade Média, o sonho passa a ser considerado um momento de medo e de preocupação por parte dos indivíduos e da Igreja, pois o maior problema no que diz respeito a ele é que os fantasmas rondam as pessoas e colocam em risco a perda de sua alma. O sonho é enigmático e, embora vigiado e temido, não tem como ser combatido, pois ao contrário de tempos anteriores, como na época greco-romana, quando havia bons e maus demônios, agora só há anjos e demônios, isto é, de um lado a milícia de Deus e do outro a milícia do Diabo. Ainda assim, ela indica e defende “que o sonho é um atributo normal do homem de bom humor”. Na sua concepção de ser humano, o espírito não está separado do corpo. Entretanto, Hildegarda recusa em sua retórica a corporeidade do sonho e por vezes, até o onirismo, que é o estado de espírito em que este, em vigília, se absorve em sonhos, fantasias ou ideias quiméricas.

Esta vulnerabilidade no sono e durante a noite é consequência do pecado original desde nossos primeiros ancestrais. O pecado torna o espírito do homem pesado enquanto dorme. Se não tivesse cometido o pecado original, o homem desfrutaria em seus sonhos do dom da profecia. Se uma pessoa for dormir com bons pensamentos, poderá ter sonhos adivinhatórios. No entanto, se ao dormir a pessoa se cercar de maus e pecaminosos pensamentos, em especial se tiver comido e bebido em demasia, o que torna o sono mais pesado, pode tornar-se facilmente presa do demônio, sujeita a poluções noturnas ou sonhos de cópulas com homens vivos, mortos ou até mesmo animais.

Assim, é bem provável que seja Satã que envie aos homens as poluções noturnas, que os levam a atos pecaminosos. O sonho é ligado ao corpo e vai ser demonizado pelo cristianismo. Por isso, havia o medo de sonhar e ter o corpo invadido por espíritos ruins, que colocariam em risco a perda de sua alma. Hildegarda aconselha que para se livrar dos fantasmas que rondam os sonhadores, colocando em risco sua vida, é necessário que envolva “o corpo com uma pele de alce e correntes de ferro e fazendo força com benzeduras”. Assim, ela desenvolve:

Toda uma psicofisiologia moral do sonho que pode nos surpreender, mas que, de uma passagem à outra, demonstra perfeita coerência. No princípio de sua teoria, encontra-se a consideração de certos movimentos alternativos do crescimento e decréscimo da medula, análogos ao da lua e ao das plantas, ao ritmo das estações. As fadigas diurnas enfraquecem a medula; ela decresce liberando um sopro que ganha as veias e o cérebro e torna o homem “insensível e inconsciente; desse modo ele continua a dormir, mas a *anima* continua

a conduzir o sopro vital, como durante o estado de vigília: durante o sono, ele faz crescer de novo a medula, cujo calor cozinha a carne como um alimento e dá cor ao rosto. Durante o sono, a *anima*, não estando dominada por todas as inquietações do dia “abre-se por assim dizer seus olhos no sonho”. (SCHMITT, 2007, p.334)

De acordo com SCHMIDT, “seria preciso que Hildegarda, porque era uma mulher, dissesse e mostrasse em imagens que ela não havia sonhado, de modo que suas falas, ainda que ela fosse uma mulher, pudessem ser recebidas como autênticas”. (In: LE GOFF, 2006, p. 85) Segundo ela, as visões que recebia eram frutos da vidência espiritual advindas diretamente do criador e ela as recebia acordada, com todos os sentidos aguçados, com os olhos e os ouvidos do homem, aptos a ouvir a voz de Deus, de tal forma que pudesse transmiti-la com a maior precisão possível para os homens. Ela não perde sua consciência ao ouvi-las, pelo contrário, se mantém em estado de vigília e vigilante, tanto é assim que muitas de suas visões ela as recebe na presença de terceiros como, por exemplo, de seus secretários, Volmar e Richardson:

Suas visões eram mesmo públicas pois não a tinha recebido em lugar ermo, solitário, “fechado”, mas sempre em lugares “abertos”, entendamos: vendo-o e sabendo-o toda a comunidade monástica. Nenhuma falsificação, nenhuma trama humana nem diabólica podia assim, provocar qualquer desconfiança. Ela foi agraciada com visões e audições celestes, revelações que lhe foram impostas por vontade divina, mas como ela própria especifica, não foi “arrebataada em espírito” (*in excessa mentis*). Hildegarda estabelece aqui uma nítida distinção entre “a visão espiritual” que ela teve e o êxtase. (SCHMITT, 2007, p. 334)

As obras de Hildegarda nos oferecem uma constante visão do mundo, que resume com eloquência e em termos visionários a teoria medieval do microcosmo e do macrocosmo, herdada da teoria dos estóicos. O microcosmo, que era o homem, refletia o macrocosmo. O mundo que o rodeava e o destino do homem estava determinado pela sua interação com as forças ao seu redor. Esta teoria apesar de simplista oferecia um suporte para organizar a vida e o pensamento que teve tanta influência nos primeiros séculos medievais como, por exemplo, a teoria da evolução de Darwin, nos séculos XIX e XX. Uma das capacidades extraordinárias de Hildegarda era visualizar este conceito com detalhismo notável. Alguns de seus primeiros manuscritos estão magnificamente ilustrados com muita fidelidade ao texto e é possível que a própria monja os tenha supervisionado.

Os escritos da monja demonstram que ela tinha um profundo interesse na natureza da história do mundo. Para Hildegarda, a criação e a vida eram essencialmente boas e santas, no entanto, ela buscava um significado e uma utilidade prática para a melhoria de vida na terra como um todo. Acreditava que a colaboração entre homem e Deus era indispensável para que o universo chegasse à sua plena floração “(*opus per hominem floreat*). A palavra ‘floração’ não é gratuita, pois em todos os seus escritos a natureza e o homem são sempre correlacionados e compartilham também de uma simbologia comum.” (SCHIPPERGES, 1997, p.38/7)

Hildegarda escreveu que o comportamento humano era capaz de alterar o meio ambiente e atribuía a irregularidade do clima ao estado incessante de inquietude humana, pois a agitação interna confundia os elementos e os fazia saírem de seus limites, ocasionando resultados desastrosos para todos. Chegou mesmo a dar fala aos elementos naturais e os fez clamarem pela justiça divina contra a insensatez humana:

Todos os elementos e todas as criaturas choram em alta voz diante da profanação da natureza e da devoção maligna da humanidade ao seu modo de vida de rebelião contra Deus, enquanto que a natureza irracional cumpre submissa as leis divinas. Eis o motivo pelo qual a natureza protesta tão amargamente contra a humanidade", ao que Deus respondia dizendo: ... "Eu os purgarei com minhas varas e os atormentarei até que voltem para mim... os ventos terão fedor de putrefação e o ar vomitará tanta sujeira que as pessoas não ousarão sequer abrir suas bocas. (STREHLOW, 2002, p.11/13)

Já octogenária Hildegarda permitiu o enterro do corpo de um nobre no cemitério do mosteiro que, segundo o bispo, havia sido excomungado. No entanto, ela alegava que este nobre havia sido absolvido *in extremis* e recebido a eucaristia antes de morrer. As autoridades eclesiásticas exigiram que o corpo fosse desenterrado. A monja se recusou a obedecer a ordem dada, uma vez que erro maior do que sepultar um homem tido como excomungado era retirá-lo do Campo Santo, profanando seu corpo. De acordo com sua concepção da ressurreição dos mortos, no dia do Juízo Final, ela tomou para si a responsabilidade de velar por este defunto, mesmo ciente das punições que sofreria por este ato de desobediência.

E as punições vieram sob a forma de um interdito, imposto pelo clero de Mainz (Mogúncia) sobre o seu mosteiro, impedindo que ali houvesse a celebração da missa e a prática de cantos sacros. A música era uma das atividades mais prezadas pela monja, que a considerava como uma maneira de se aproximar e restabelecer contato com Deus. Ela apelou às autoridades, explicando o ocorrido. No entanto, o conflito tomou proporções maiores, sendo necessária a intervenção do arcebispo de Mainz que decidiu revogar o interdito em 1179.

O caso a desgastou intensa e profundamente e depois que foi solucionado, ela já se encontrava debilitada e desejosa de livrar-se de seu corpo, para encontrar-se com o Criador, prevendo a iminência de sua morte. Faleceu pacificamente em 17 de setembro do mesmo ano.

A herança da obra hildegardiana nos oferece um vasto campo de pesquisa, em várias áreas do conhecimento. Especificamente neste trabalho, nos propomos traçar um panorama geral daquela que foi considerada um dos nomes mais expressivos do Século XII. Seu mote inspirador é a preocupação com a natureza e o homem, tratando-os de forma holística.

A natureza não é uma fonte inesgotável de riquezas, conforme se pensava até pouco tempo. São recursos renováveis que exigem cuidados e atenção, caso contrário suas forças poderosas podem entrar em ação e o maior prejudicado será o homem, exatamente aquele que deveria velar e zelar pelo equilíbrio entre os três reinos: animal, vegetal e mineral, pois como soberano da criação ele é o responsável pela manutenção, conservação e preservação da saúde planetária.

A obra da monja/abadessa/visionária Hildegarda de Bingen nos convida a esta reflexão e permanece atual, pois se houver o contínuo processo destrutivo da natureza, em pouco tempo não restará mais nada para as futuras gerações. Conservar, manter, preservar, para que o futuro não se apresente tão sombrio. Retornar às nossas origens, fazer as pazes com a natureza, pensar nos que virão após, uma mensagem de ontem e de hoje que nos leva a refletir sobre qual futuro deixaremos para nossos descendentes.

Quando o homem se voltar para si mesmo, pode ser que reencontre o caminho da cura para seus males, sobretudo os males que atormentam seu espírito, pois como é dito: *mens sana in corpore sano*. É o cuidado com o microcosmo, visando o restabelecimento

global do macrocosmo. Cuidar do bem estar individual é prerrogativa para cuidar do bem estar geral.

Referências

- LABARGE, Margaret Wade. *La mujer em la Idade Media*. Madrid, Ed. Nerea, 1988. 318p.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Trad. Marcos Flamíneo Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 207 p.
- LE GOFF, Jacques; MONTREMY, Jean-Maurice. *Em busca da Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. 222 p.
- PERNOUD, Regine. *Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, 134p
- SCHIPPERGES, Heinrich. *Hildegard of Bingen. Healing and the Nature of the Cosmos*. 2nd print. Princeton: Markus Wiener Publishers, 1998. 122p.
- SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Trad. José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007. 380 p.
- STREHLOW, Wighard. *Hildegard of Bingen's Spiritual Remedies*. Inner Traditions / Bear & Company, 2002. 272p.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da Idade Média ocidental: séc. VIII-XIII*. Trad. Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Estampa, 1995. 224p.

(<http://www.hildegardiana.es/index.html> em 08/08/2011

<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num2/hildegarda.html> em 02/09/2010.)

RECEBIDO EM 29-07-2012
APROVADO EM 27-11-2012